

»Entrevista | EDUARDO RIEDEL | GOVERNADOR DO MATO GROSSO DO SUL

Político do PP afirma que o país perde tempo com narrativas e deixa de lado questões relevantes para a sociedade. Ele apoia a candidatura do senador Flávio Bolsonaro, mas elogia outros nomes, como Tereza Cristina. Estado promoverá a COP15

“Acredito em uma Agenda Brasil”

» CAETANO YAMAMOTO*

Mais do que narrativas, o Brasil precisa discutir projetos relevantes para o país. Esse é o pensamento do governador do Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel (PP), convidado do CB.Poder, parceria do Correio e da TV Brasília. Candidato à reeleição no estado, ele defende uma coalizão de centro-direita que apresente propostas que contribuam para o desenvolvimento nacional.

Admirador da senadora Tereza Cristina — nome frequente em possíveis chapas concorrentes à reeleição de Lula — Riedel acredita haver uma safra de políticos mais interessada em solucionar problemas do que meramente se engajar na luta partidária. No caso dos governadores, ele se identifica com executivos estaduais que põem em prática as virtudes da gestão pública — disciplina fiscal, geração de emprego e investimento.

Na visão de Riedel, esse grupo político, que envolve vários partidos, em algum momento apoiará um candidato que se apresente como adversário competitivo contra o atual ocupante do Planalto. Para o governador, esse nome seria Flávio Bolsonaro (PL-RJ), apesar dos problemas na candidatura do 01.

Aos jornalistas Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza, o governador também detalhou ações no Mato Grosso do Sul, como o combate à pobreza. E está otimista com a realização, no estado, da COP15 sobre espécies migratórias, marcada para março.

Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

É possível construir pontes no atual cenário político?

Sim. Acredito que o pior momento, por assim dizer, do ponto de vista de disputa ou de discussão, já passou. No momento eleitoral, não, pois ele acirra essa discussão. Mas no pós-eleição, independentemente de quem assumir o Brasil, terá de construir pontes e essa agenda. O Brasil não suporta mais. As pessoas que estão liderando o Brasil — seja o Flávio Bolsonaro, caso ganhe, seja alguém da direita, ou o próprio presidente Lula, caso vença — precisam rever muitas posições.

Por quê?

Não se suporta mais, por exemplo, aumentar a relação dívida/PIB de 86% para 100%. Isso é latente, está posto. Temos um orçamento deficitário ano após ano. A União é a única que emite moeda e tudo bem, mas isso é lastreado em dívida. Então, ocorre um processo inflacionário que a gente está vivendo. Com isso, mata-se o setor produtivo. Se seguirmos por esse caminho, que é o que está sendo proposto agora — no meu entendimento, de maneira errada, por uma posição que vejo como eleitoral — aumenta-se a dívida/PIB, emite-se moeda, coloca-se dinheiro em circulação e gera-se inflação. Então o Banco Central é culpado? Quem sofre? Vejam o rombo que estamos observando no Brasil em vários setores por causa desses juros altos. Há um endividamento gigantesco e brutal.

É um caminho de alto risco.

Isso não é sustentável. Mesmo que a esquerda vença a reeleição, haverá muitos problemas. Ou haverá uma questão de responsabilidade, ou haverá um Congresso extremamente agudo. E, então, teremos um problema de gestão e governança.

Será um Congresso mais de direita?

Sim, será. Ou ganhamos a eleição com uma agenda para o país — que é no que eu acredito — ou, se não ganharmos, o Congresso atuará. E creio que o presidente Lula terá a sabedoria, se for eleito — o que não acredito —, de ter de mudar sua postura.

Ed Alves CB/DA Press



Acredita que Flávio Bolsonaro seja capaz de empreender uma agenda mais ampla? Mesmo com todos os problemas da família Bolsonaro?

Os Bolsonaro são pessoas completamente distintas. Eduardo, Carlos e Flávio. Tudo bem, família é família. No entanto, são pessoas diferentes. E eu creio que, à direita, o Bolsonaro construiu uma voz muito intensa e expressiva. Pode-se concordar ou não, gostar ou não de várias coisas, mas é um fato: ele ainda é o detentor dos votos. Ele tem esse capital político. Agora, temos de entender que as pessoas são diferentes. Já conversei muito com o Flávio e estarei com ele. Acredito que ele possui outro perfil — um perfil político e de conduta diferente.

Acredita que outros nomes da direita podem receber apoio?

Acredito. Se for o Ratinho, a Tereza Cristina, o Ronaldo Caiado, também pode ser. Não sei. Mas quem for da direita, acredito que receberá apoio. Isso porque ocorreram muitas situações, como o fato de o Lula estar solto. Aqui não estou fazendo julgamento, pois ficamos muito presos a essa discussão de que um foi preso, o outro deve ser também; solta-se um, prende-se outro. São coisas completamente distintas e, com isso, vamos perdendo a Agenda Brasil.

Como o senhor enxerga a “Agenda Brasil” da esquerda?

A agenda da esquerda já está posta e não há espaço para discutir uma nova. Há quantos anos o próprio Lula e o PT governam o país? A agenda do PT é a mesma da década de 1980. Só mudou uma coisa, algo que eles demonizavam ao extremo: nunca antes na história deste país se fez tanto, sob a liderança que considero ser do ministro Renan Filho e da ministra Simone Tebet, quanto em termos de concessões e privatizações. Privatizações que antes eles repudiavam. Não há problema nenhum em mudarem, finalmente. Que bom. Agora, quanto à agenda central — discussão previdenciária, sindical, política, enfim, todas as outras — não vejo mudanças.

Já a agenda da direita...

Talvez, no momento eleitoral, o Flávio Bolsonaro esteja imbuído nessa discussão de narrativas. Mas

Os Bolsonaro são pessoas completamente distintas. Eduardo, Carlos e Flávio. Tudo bem, família é família. No entanto, são pessoas diferentes. Já conversei muito com o Flávio e estarei com ele. Acredito que ele possui um perfil político e de conduta diferente”

“A senadora Tereza Cristina fala muito sobre a carência de uma agenda estruturante para o Brasil. Não se ouve mais falar de reformas de base. Muitas vezes, falta uma elaboração maior para reformas administrativa, previdenciária ou política. O Brasil precisa pensar nisso”

existe por trás um conjunto de pessoas. Cito a senadora Tereza Cristina, cujo instituto possui um conjunto de lideranças; o Bornhausen, o próprio Kassab, pessoas do PSDB e de todo o espectro de centro-direita.

Há espaço para outros candidatos ou apenas Flávio Bolsonaro?

Existe um espaço hoje. No entanto, a viabilidade eleitoral desse espaço não é fácil, pois a sociedade está presa em narrativas superficiais. Mas acredito que a construção da Agenda Brasil é mais fácil com o Flávio, que soma o capital eleitoral atual com a capacidade de articulação. Acredito que vamos ganhar a eleição.

A senadora Tereza Cristina não poderia ser vice em uma eventual candidatura de direita?

Conheço bem a senadora Tereza Cristina, sua capacidade de articulação administrativa, senso de responsabilidade e visão de país. Ela fala muito sobre a carência de uma agenda estruturante para o Brasil. Não se ouve mais falar de reformas de base. Acordamos hoje com uma decisão do ministro Gilmar Mendes em relação ao Judiciário, mas são questões pontuais. Muitas vezes falta uma elaboração maior para reformas administrativa, previdenciária ou política. O Brasil precisa pensar nisso. Gastamos quase R\$ 350 bilhões na área social e em programas como o BPC, muitas vezes sem analisar com rigor a qualidade desses programas. Essa

é a discussão necessária. A senadora Tereza tem esse olhar voltado para uma “agenda Brasil”. Sou admirador dela.

Um nome feminino teria chance nessa candidatura de centro-direita?

Eu acho possível na dinâmica eleitoral. A Tereza possui conceito; ela é, de fato, uma pessoa preparada. Falo como alguém que a conhece há 30 anos. Conheço o pensamento dela sobre a agenda do país. Acho que há espaço porque ela tem qualidade e está em um partido importante, onde o jogo partidário está acontecendo. Ela tem apoio de outros partidos, inclusive apoios importantes em São Paulo. Claro que o Tarcísio (de Freitas) seria o ideal, mas a relação dele com a família Bolsonaro ficou muito desgastada e difícil. Isso complica. O Flávio, hoje, é o mais bem posicionado devido ao capital eleitoral. Se o Bolsonaro dissesse que o candidato dele é o Flávio, todos se alinhariam.

Flávio consegue construir uma coalizão competitiva contra Lula?

O capital político da família Bolsonaro tem força e viabilidade eleitoral. Creio que esse capital, aliado a quem pensa na Agenda Brasil e aos protagonistas atuais — como esta geração de governadores, que é muito boa — pode avançar. Temos governadores excelentes que trabalham focados em seus estados, entregando resultados de acordo

com suas realidades financeiras e culturais. Temos o Tarcísio em São Paulo com uma postura muito positiva, além do Ratinho Júnior e do Eduardo Leite. Cada um com sua linha ideológica ou partidária, mas todos com um trabalho extremamente positivo no Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. É um conjunto de governadores que conversa e está pensando no país.

Em algum momento esse pensamento prevalecerá na escolha do candidato?

A escolha do candidato se dará pela viabilidade eleitoral. No entanto, esse pensamento prevalecerá na relação do candidato escolhido com este grupo e com a agenda para o país. Não há como fugir disso, na minha avaliação.

O seu estado sediará a COP15 sobre espécies migratórias, em mais um evento da ONU no Brasil. Como o estado está se preparando?

Há cerca de quase dois anos, a ministra Marina Silva estava em Campo Grande, devido àqueles eventos das queimadas no Pantanal, que foram sérios. Em conversa, ela perguntou: “Governador, o senhor aceitaria sediar a COP 15 aqui no Mato Grosso do Sul, a casa do Pantanal, onde a maior parte desse bioma está presente no Brasil?”. Aceitei o desafio. E fomos construindo, desde então, esse evento focado em espécies migratórias, que é o objeto desta COP. O secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente, João Paulo Capobianco, é o indicado para ser o presidente da COP e esteve recentemente no estado. Nós estamos dando todo o apoio ao governo federal e à ONU para realizarmos um evento importante para a região do Pantanal, para o Brasil e para o mundo. Será um evento extremamente acadêmico e científico, com pesquisadores do mundo inteiro em Campo Grande. É, também, uma vitrine para o Pantanal e para essa beleza que temos no Brasil.

Como está a questão ambiental do Mato Grosso do Sul?

Avaliao de maneira muito positiva pelo que construímos no estado nesse período. As queimadas são um efeito recorrente em biomas como o Pantanal e o Cerrado. A grande questão é como enfrentar isso ao longo do tempo e se preparar para o combate. Isso envolve não apenas equipamentos e estrutura, mas toda

uma conscientização e um processo educacional das pessoas que lá estão: ribeirinhos, comunidades tradicionais e produtores rurais. Esse processo é permanente; hoje, todos estão muito mais conscientes e preparados para esse enfrentamento, que envolve tecnologia, conhecimento e comunicação rápida.

O seu governo tem combatido a pobreza. De que modo?

Mato Grosso do Sul é um estado que, nos últimos 10 anos, sempre esteve entre os três maiores índices de crescimento do Brasil. Chegamos a crescer 13% em 2023 e mantemos uma média de 4%, 5% ou 6%. Isso é um índice muito alto, fruto do processo de industrialização, da base primária, da celulose, do setor de serviços e da infraestrutura. Temos um dos menores índices de desemprego do Brasil e um dos maiores índices de crescimento. Atingimos a quarta maior renda média do país, cerca de R\$ 3.600,00 por trabalhador ao mês em um estado pequeno. Mas, na minha concepção, essa equação não faz sentido se, com esse nível de prosperidade, não atacarmos a extrema pobreza, que é aquela em que a renda per capita é muito baixa. Nesse sentido, nosso trabalho na área de assistência social funciona como um “médico de família”: trata-se de identificar a necessidade real. É muito simples apenas repassar dinheiro por meio de um cartão. Mas isso carece de qualidade do ponto de vista do gasto, da aplicação e da real necessidade da família.

Na prática, como funciona?

Nossa área de assistência social identifica, em cada família em situação de pobreza, qual é a demanda principal e qual é a dor daquela família. Cuidamos, por exemplo, de uma mãe solo que cuida de um filho e dois netos de alguém que partiu. Ela não pode trabalhar porque precisa cuidar das crianças. É essa extrema pobreza que ainda assola algumas famílias. Ou assistimos a uma comunidade indígena distante que não possui acesso. Para cada situação dessas, há uma solução específica. É isso que a assistência tem feito, conectando-se com a educação no “eixo mulher”, onde essa mulher frequenta a escola no contraturno ou à noite, levando os filhos. É um programa maravilhoso.

Como é sua relação com o governo federal?

É positiva. Costumo dizer que tenho divergências políticas com o governo federal. Há excelentes ministros. Respeito o presidente para discutir políticas administrativas importantes para o estado e para o Brasil. Contudo, do ponto de vista político, temos divergências. O presidente possui sua visão vinculada ao seu partido; eu estou em outro partido, com outra visão sobre o desenvolvimento e a agenda do país. Mas temos diversas agendas administrativas convergentes em infraestrutura, habitação e programas sociais. Sou grato ao governo federal por estabelecer essas parcerias conosco.

Qual será sua atuação e de seu partido nesta eleição, dado que o senhor é pré-candidato à reeleição?

Estou muito focado na gestão. Mato Grosso do Sul está em um ritmo de crescimento que exige foco total no resultado. Caso contrário, perdemos a oportunidade. Precisamos protagonizar e criar esse ambiente. Mas a política faz parte do dia a dia da sociedade. Sou pré-candidato à reeleição, o que será definido nas convenções. Estou no PP e estamos formando uma coalizão de centro-direita no estado que envolve o PL, o PP, o União Brasil, o Republicanos, o PSDB (que era o meu antigo partido), o MDB e o PSD. Será uma eleição contra o PT, que deverá ter candidatos ao governo e ao Senado. Portanto, a eleição estadual refletirá o cenário nacional.

*Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza